

BOLETIM DO GEPELE

(Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Ecológica)



Número 16, 2024

ISSN 2763-7255



UnB

Programa de Pós-Graduação em Linguística

Departamento de Linguística

Instituto de Letras

Universidade de Brasília

Câmpus Universitário Darcy Ribeiro

CEP 70910-900 Brasília, DF

Organizadores

Hildo Honório do Couto
Anderson Nowogrodzki da Silva

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. ARTIGO-RESENHA.....	4
<i>Linguagem: a história da maior invenção da humanidade, de Daniel Everett</i>	
3. MINIRRESENHA.....	9
4. PUBLICAÇÕES	10
5. INFORMAÇÕES	11
6. PALESTRAS	11
7. EVENTOS	11

1. INTRODUÇÃO

Eis o número 16 do *Boletim do GEPLE*, que está se consolidando como um *forum* para discussão e muitas informações sobre o que vai pelo mundo em termos de ecolinguística. Entre as matérias publicadas, sobressaem-se miniartigos, resenhas, minirresenhas e até artigos acadêmicos plenos, como 1) “Futuro, conhecimento e línguas: Porque um gaiaceno seria a melhor era Humana”, n. 12, p. 4-23, 2022; 2) “A ancestralidade no romance *Torto arado* na ótica da linguística ecossistêmica”, de Valdení Venceslau Bevenuto (UFRPE); 3) “Por uma metodologia de base ecológica no estudo da linguagem”, n. 11, p. 4-13, 2022, de Mark Garner; 4) “Oi”, de Hildo Honório do Couto, n. 14, 2023; 5); além do número 10, com 10 artigos dedicados à ADE.

O presente número traz o artigo-resenha livro *Linguagem: a história da maior invenção da humanidade*, de Daniel Everett, resenhado por Mayara Macedo Assis. Mayara mostra que a despeito de não ser um livro ecolinguístico propriamente dito, seu conteúdo é inteiramente compatível com os princípios da linguística ecossistêmica, de que o *Boletim do GEPLE* é um porta-voz.

2. ARTIGO-RESENHA

-**Daniel Everett.** *Linguagem: a história da maior invenção da humanidade*. São Paulo: Contexto, 2019.

Resenhado por Mayara Macedo Assis (CAPES/NELIM/PPGLL/UFG).

O livro *Linguagem: a história da maior invenção da humanidade* foi escrito por Daniel Everett e publicado no Brasil pela Editora Contexto em 2019. Antes de adentrar na autoria e no conteúdo em si da obra, duas coisas já se destacam no próprio título. Em primeiro lugar, nota-se que o livro é sobre a história da linguagem, não da Linguística. É perfeitamente possível estabelecer uma linha do tempo da história da Linguística, desde os primeiros estudos realizados pelos hindus no século IV a.C, até o surgimento da Linguística enquanto uma ciência propriamente dita no século XX, mais especificamente em 1916 com o marco da publicação da obra de Saussure, o famoso genebrino.

Em contrapartida, pensar em uma linha do tempo da história da linguagem já é outro desafio. A Linguística Histórica, por exemplo, já conseguiu estabelecer aproximadamente quando as línguas modernas surgiram e a quais famílias pertencem, reconstruindo a "árvore genealógica" das línguas até chegar ao protoindo-europeu. Entretanto, rastrear o surgimento da primeira ou das primeiras línguas torna-se um trabalho conjectural, pelo simples fato de não haver nenhum registro de que língua(s) era(m) essa(s), por quem era(m) falada(s) e quando exatamente foi o seu surgimento. Em algum momento, dois ou mais indivíduos começaram a interagir oralmente. Foi certamente a partir de interações como esta que surgiu um código que veio a ser adotado

convencionalmente por toda a comunidade na qual estavam inseridos. Entretanto, esse momento específico será sempre um mistério para os estudiosos e entusiastas da linguagem de hoje.

O segundo aspecto de destaque do título é o termo "invenção". Antes mesmo de abrir as páginas do livro, já se sabe que nele a linguagem será abordada como uma invenção do homem, como algo que nossos antepassados criaram de acordo com as suas capacidades e necessidades. Não é algo que nos foi dado como herança ou que simplesmente é inato, mas sim algo construído. Aqui, mesmo iniciantes nos estudos da linguagem são capazes de identificar que se trata de um pensamento anti-hegemônico, pois há correntes linguísticas e pensadores renomados que defendem o inatismo da linguagem como sendo uma faculdade essencialmente humana.

Daniel Everett, autor da obra, é um linguista americano que ficou conhecido por estudar a língua pirahã, falada por uma tribo indígena na Amazônia. Durante o convívio com os pirahãs no Brasil, o pesquisador passou por transformações pessoais – como mudar a sua crença religiosa – e também desafiou as convenções linguísticas – indo contra as ideias predominantes de Noam Chomsky. É importante ressaltar, entretanto, que no livro em questão o trabalho com os pirahã ou as divergências com Noam Chomsky não são o tópico central. Os assuntos são mencionados, quando conveniente para a discussão, mas não são o foco. O objetivo, como indicado pelo título, é falar sobre a história da linguagem, para isso recorrendo a evidências da Antropologia e da Biologia, dentre outras ciências.

O livro é dividido em 4 partes, para além da introdução e conclusão. Na introdução, o autor já apresenta a sua tese que será defendida no decorrer da obra: a linguagem surgiu há mais de 1 milhão de anos atrás, com os *Homo erectus*, e foi uma invenção cultural, integrada com sinais, gestos e entonação.

A parte 1, Os primeiros Hominini, fala sobre o surgimento dos hominídeos, seus modos de vida, seu êxodo e suas possíveis formas de linguagem. Aqui, o autor afirma que o propósito da linguagem é a comunicação e a construção de sociedades e culturas, e que foi por causa da linguagem que obtivemos certa vantagem sobre as outras espécies:

Os humanos se tornaram, para o bem ou para o mal, os senhores do planeta [...] Esse sucesso tem muito a ver com o fato de que, embora os *sapiens*

sejam pequenos e de pele macia, sem garras ou força significativa, eles falam uns com os outros. Em virtude disso, eles conseguem fazer planos, são capazes de compartilhar conhecimentos e até mesmo de legá-los a gerações futuras, e é nesse aspecto que reside a vantagem humana sobre todas as outras espécies terrestres (Everett, 2019, p. 31).

Nesta parte, recorrendo a evidências biológicas e antropológicas, o autor faz um retrospecto da evolução dos homínídeos por 7 milhões de anos, ressaltando as mudanças – tais como o bipedismo e a encefalização – que levaram à existência dos seres humanos tais como são hoje. As mudanças às quais ele se refere sempre são articuladas com o seu ponto de vista acerca do surgimento da linguagem, por exemplo, quando afirma que a diminuição da arcada dentária dos *Homo* tornou possível a articulação de diferentes consoantes. O autor também traz indicações sobre a inteligência dos *Homo erectus* por meio das variações climáticas e ambientais ocorridas no Pleistoceno, que resultaram em um habitat instável que exigia versatilidade e criatividade dos *erectus* para a sobrevivência. Com essas e outras evidências evolutivas, ele por fim afirma que os *Homo erectus* possuíam a língua G1: um conjunto de símbolos com um ordenamento convencional, passível de expansão para acomodar as novas necessidades da comunidade.

Na parte 2, Adaptações biológicas humanas para a linguagem, o autor reforça que, apesar de não acreditar no inatismo, a linguagem e o desenvolvimento biológico da espécie estão conectados. A invenção só foi possível a partir da evolução: com o desenvolvimento dos nossos cérebros, houve também o desenvolvimento da nossa criatividade e inteligência, que por sua vez inventaram a linguagem. Segundo o autor, o cérebro se desenvolveu por 7 milhões de anos (dos *Sahelanthropus tchadensis* ao *Homo sapiens*) e parou há cerca de 200 mil anos atrás, devido à combinação cultura + biologia que deixou de exigir auxílio evolutivo.

O autor defende que não há uma parte específica do cérebro destinada à linguagem, mas que a linguagem vem da neuroplasticidade: "a habilidade de os neurônios se modificarem para melhor acomodarem as necessidades do organismo que o contém" (Everett, 2019, p. 169)". Dessa forma, o que ocorre é um reaproveitamento de uma parte anatômica que evoluiu para determinada tarefa, e então passa a desempenhar outra. É a interação entre cérebro e cultura que leva ao aprimoramento de ambos. O argumento de Everett coincide, inclusive, com a hipótese da reciclagem neuronal desenvolvida por Dehaene (2022). Mesmo que não seja completamente aceito

nos círculos linguísticos, é notável que o autor não está sozinho nos seus estudos e teorias.

O autor traz ainda como embasamento os chamados "distúrbios da linguagem", afirmando que quando um indivíduo possui algum distúrbio, as sequelas são percebidas também na memória, no aprendizado e em outros aspectos cognitivos. Dessa forma, uma área do cérebro relacionada a diversas atividades humanas, entre elas a linguagem, é afetada. Não se trata de uma parte específica da linguagem no cérebro.

Por fim, o autor defende que os *Homo erectus* não necessariamente falavam como os *Homo sapiens*, até porque não possuíam o aparelho fonador como nós temos. Para ele, a linguagem dos *Homo erectus* prescindia da fala tal qual a conhecemos hoje: "os *Homo erectus* são evidência de que os símios poderiam falar se tivessem cérebros suficientemente maiores. Os humanos são esses símios" (Everett, 2019, p. 262).

A parte 3, A evolução da forma linguística, busca responder de onde vem a gramática e como se dá a sua organização e relação com a cultura. O autor reconhece que há aspectos da linguagem universalmente compartilhados, mas afirma que isso não advém do inatismo e que cada cultura segue seu próprio caminho. O autor também reforça a importância da simbiose entre palavras, gestos, entonação, sintaxe, significados e cognição, de modo que a linguagem não pode ser separada da cultura na qual se insere e do grupo que a fala: "independentemente de como seja a gramática de uma língua, a linguagem envolve o indivíduo por completo – intelecto, emoções, mãos, boca, língua, cérebro" (Everett, 2019, p. 306).

Na parte 4, Evolução cultural da linguagem, bem mais curta que as anteriores, o autor mais uma vez reforça o vínculo existente entre linguagem e cultura, trazendo inclusive uma analogia entre cultura e gramática. Segundo o autor, não existe nada isolado e tudo está estruturado em relação a tudo. Dessa forma, se pensarmos a cultura em termos de uma gramática, então os indivíduos da sociedade são "preenchedores" das posições gramaticais. A partir de indivíduos surge a cultura, mas a cultura é maior que a soma de suas partes, assim como também a linguagem.

O autor conclui a obra com a síntese de que a linguagem é uma forma de comunicação e de expressão cultural baseada nas habilidades e cognição dos Hominini, sendo fruto do trabalho, das descobertas e da inteligência dos *Homo erectus*.

A problemática da obra de Everett se concentra na sua ideia sobre a

recursividade. Ele defende que a recursividade, que seria a operação de conectar diversos elementos linguísticos, não é a base da linguagem humana. Afirma inclusive que essa concepção encara a língua como estrutura e não como significação e interação. Entretanto, estrutura e interação são interdependentes, e a recursividade, assim como as demais propriedades da língua, está a serviço da interação. É a própria conversação que constrói a conexão cultural, o conhecimento e a própria gramática, sendo assim, também a recursividade. Dessa forma, todas as línguas podem vir a ser recursivas caso isso seja conveniente ou necessário para as comunidades que as utilizam.

Entretanto, essa problemática não invalida de forma alguma as ideias do autor. Os argumentos apresentados acerca da evolução das espécies e suas respectivas culturas são muito bem embasados por meio do auxílio de outras áreas do conhecimento, como já mencionado. Além disso, como uma praticante de Ecolinguística, é impossível não reconhecer a validade de certas ideias defendidas pelo autor, que vão ao encontro dos pressupostos teóricos da Ecolinguística. Para falar sobre a relação entre cultura e linguagem, por exemplo, Everett recorre ao Edward Sapir, que é considerado um precursor dos estudos ecolinguísticos, sendo inclusive parte de uma coletânea de ensaios importante da área (Couto, 2016).

Mas o principal ponto de encontro entre a obra em questão e a Ecolinguística é a ideia de que a interação está no cerne da linguagem. Everett (2019, p. 20) afirma que “a linguagem não começou integralmente quando o primeiro hominídeo proferiu a primeira palavra ou sentença. Ela só começou de verdade com a primeira conversa, que é tanto a fonte quanto a meta da linguagem”. Para a Ecolinguística ou Linguística Ecolinguística, como tem sido chamada a vertente praticada no Brasil (Couto, 2016), a língua não é uma ferramenta para a interação, mas sim a própria interação, visto que é justamente na conversação entre duas ou mais pessoas que a língua surge e suas regras são estabelecidas. As regras sistêmicas (aquelas chamadas de “gramática”), dessa forma, são subordinadas às regras interacionais. Ressalta-se que aqui “regra” é entendida como regularidade e não como norma, ou seja, aquilo que é prototípico na interação.

Everett defende que cada aspecto da linguagem (e conseqüentemente, da cultura e de nossos corpos e cérebros) evoluiu a serviço da interação humana. E, sendo assim, a conversação é o material mais importante para os linguistas, pois é a partir dela que

depreendemos toda a estrutura de uma língua:

Conceber a comunicação como o propósito primário da linguagem facilita a compreensão do que é mais interessante a seu respeito – suas aplicações sociais. Assim, para muitos pesquisadores, no estudo de uma língua, a gramática assume um papel menos importante em relação a padrões interacionais conversacionais, rastreamento de tópico discursivo, metáforas, abordagens de formas gramaticais baseadas no uso, efeitos culturais sobre as palavras, e como eles são unidos (Everett, 2019, p. 112).

A partir dessas considerações, depreende-se que, para um ecolinguista, as ideias de Everett não podem ser desconsideradas. Os tópicos que geram problematização – como, por exemplo, a questão da recursividade – não invalidam o conteúdo da obra como um todo, que se mostra comprometida com os estudos arqueológicos, neurocientíficos, dentre outros. Ao invés de polarizar a discussão, tal como em Everett x Chomsky e cultura x inato, cabe a um bom estudioso estar aberto a outros pontos de vista e debates, reconhecendo que há mistérios na linguagem ainda longe de nossa total compreensão. E é por isso, talvez, que a área dos estudos linguísticos é uma fonte inesgotável de deleite e descobertas.

Referências

COUTO, Hildo Honório do (org.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora UFG, 2016.

DEHAENE, Stanislas. *É assim que aprendemos: Por que o cérebro funciona melhor do que qualquer máquina (ainda...)*. (tradução Rodolfo Ilari). São Paulo: Editora Contexto, 2022, p.169-241.

EVERETT, Daniel L. *Linguagem: a história da maior invenção da humanidade*. Tradução de Maurício Resende. São Paulo: Contexto, 2019.

3. MINIRRESENHA

-**Arran Stibbe**, *Econarrative: ethics, ecology and the search for new narratives to live by*. Londres: Bloomsbury, 2023.

Informação do *site* da editora: <https://www.bloomsbury.com/us/econarrative-9781350263147/>

Econarrativas estão por toda parte, descrevendo e dando forma às interações humanas com outras espécies e o meio ambiente físico. Este livro apresenta uma teoria fundamental sobre econarrativas, partindo de narratologia, ecologia humana, análise do discurso crítica e ecolinguística, propondo ideias a partir de uma grande variedade de textos, incluindo:

- Mitos da criação
- Podcasts indígenas
- Falas de lideranças éticas

- Poesia haiku
- Filmes documentários
- A nova escrita da natureza
- Anúncios e campanhas
- Estórias apocalípticas

Adotando uma abordagem global e transdisciplinar, o livro provê análise profundas de trabalhos específicos, incluindo o mito cherokee “Como o mundo foi criado”, falas de Vandana Shiva, Nightwalk de Chris Yates, o documentário de Naomi Klein “Isso muda tudo”, os *podcasts* do mantenedor de semente mahawk Rowen Whie, o “Livro da revelação” e o “Manifesto da montanha negra”.

Chamando a atenção para o poderoso papel que a língua exerce na estruturação de nossas vidas e da sociedade, o livro contém traços narratológicos e linguísticos que implicam ativismo, emoção, empatia, identidade, senso de lugar, encarceramento, compaixão e outros fatores chave na moldagem de interações com o mundo natural. Se desejamos mudança de fato, fundamental, então precisamos buscar novas econarrativas com as quais viver.

Eis o Sumário do livro

Table of Contents

List of Figures

List of Tables

Acknowledgements

1. Introduction

2. Beginning: Activation in Creation Narratives

3. Identifying: Ecocultural Identity in the Seed Sovereignty Movement

4. Emplacing: Timelessness and Placefulness in Haiku

5. Enchanting: Wonder in Nature Writing

6. Leading: Ethics in Leadership Communication

7. Feeling: Emotional Narrative in Climate Change Documentaries

8. Persuading: Multimodal Genres in Food Advertising

9. Endings: Metaphor and Finding Ourselves at the End of the Road

10. Conclusion

Appendix A: How the World was Made

Appendix B: Credits and Permissions

Glossary

References

Index

4. PUBLICAÇÕES

4.1. Livros

-**STEFFENSEN S. V.; DÖRING M.; COWLEY S.** (eds.). *Language as an Ecological Phenomenon: Language and Bioecologies in Human-Environment Relationships*. Londres: Bloomsbury, p. 107–126, 2024. Tem capítulo de Kravchenko.

-**Arran Stibbe**, *Econarrative: ethics, ecology and the search for new narratives to live by*. Londres: Bloomsbury, 2023. Ver apresentação no item anterior.

4.2. Revistas

-*Journal of World Languages*, v. 8, n. 3, 2023 (Special Issue: Ecostylistics: Texts, methodologies and approaches; Guest Editor: Daniela Francesca Viridis).

Contents

-Editorial: Ecostylistics - Texts, methodologies and approaches 435-442

Daniela Francesca Viridis

-Five themes for ecostylistics 443-485

Andrew Goatly

- Lost landscapes of childhood: An ecostylistic analysis of The Issa Valley 486-514
Elżbieta Chrzanowska-Kluczevska
- Opposition in ecological discourse: An ecostylistic scrutiny of speakGreen ecological posts 515-545
- Place is text: Representing the architecture of landscape, the human and non-human in Arundhati Roy's prose 546-566
Esterino Adami
- Growing the green city: A cognitive ecostylistic analysis of Third Isaiah's Jerusalem (Isaiah 55–66) 567-592
Karolien Vermeulen
- Ambience and nature in travel writing: An ecostylistic study of The Old Patagonian Express and Eastward to Tartary 593-622
Salvador Alarcón-Hermosilla
- Paradise lost: Cognitive grammar, nature, and the self in Diane Seuss's ekphrastic poetry 623-644
Maria-Eirini Panagiotidou

4.3. Book Review

- Daniela Francesca Viridis*: Ecological stylistics: Ecostylistic approaches to discourses of nature, the environment and sustainability 645-651

Resenhado por Monica Turci

Site da revista: <https://www.degruyter.com/journal/key/jwl/8/3/html>

4.4. Artigos

- Tadeu Luciano Siqueira Andrade. A linguagem jurídica como obstáculo de acesso à Justiça: diálogo entre a Linguística Ecológica, a Antropologia Jurídica e o Direito. *Revista da Escola da Magistratura do TRF da 4ª Região* nº 25, s/p, 2023.

https://www.trf4.jus.br/trf4/upload/editor/2023/rlp08_03-tadeu-luciano-siqueira-andrade--pdf-.pdf

6. PALESTRAS

6.1. Marisa Malvestitti & Máximo Farro. Interacciones entre las lenguas en Patagonia en la perspectiva de la ecología lingüística. VII Encuentro de Investigadores de la Patagonia Austral, de 24 a 26 de outubro de 2022, Puerto San Julián, Santa Cruz, Argentina (Marisa Malvestitti é da Universidad Nacional de Río Negro e Máximo Farro da Universidad nacional de La Plata/CONICET).

6.2. Hildo Honório do Couto proferiu a palestra “Ecolinguística y lingüística ecosistémica” no Workshop: “Ecología Lingüística, Interdisciplina y Nuevos Diálogos en Torno a las Lenguas Originarias en los Territorios Patagónicos”, Universidad Nacional de Río Negro, Sede Andina, em 05 de outubro de 2023. Como se vê, está surgindo um grupo de pessoas na Patagonia argentina um grupo de pessoas interessadas em ecolinguística, com ênfase na linguística ecossistémica.

6.3. Tadeu Luciano Siqueira Andrade apresentou a comunicação “A língua portuguesa no Brasil: uma análise à luz dos Direitos Linguísticos e da Ecolinguística”, no IV GELLNORTE – Encontro do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Norte, na UFT-Porto Nacional, que se deu de 24 a 27 de outubro de 2023.

7. EVENTOS

7.1. VI Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística (VI EBIME)

UFG, 27 a 29 novembro de 2023

<https://viebimeufg.wixsite.com/viebime>

7.2. 7th International Conference on Ecolinguistics (ICE-7): Beijing, 22-26 August 2024

<http://www.sfl.bnu.edu.cn/gdtz/9c05d96f0a4348bea0e93ab35a6e03d7.htm>

-O oitavo encontro (ICE-8) se dará na Université de Rennes 2 (França), em maio-junho de 2026, sob o título de Experiencing and languaging bio-cultural diversity